

# Morte em tempo de guerra

## Fotografias e a «Outra Guerra» no Afeganistão

BARBIE ZELIZER \*



O modo como as imagens são utilizadas para retratar a morte em tempo de guerra foi sempre um assunto problemático para quem faz as coberturas de guerra. Desde que os jornalistas – na imprensa, na televisão ou na Internet – começaram a incluir imagens como parte da cobertura de guerra, a questão basilar que nunca foi suficientemente clarificada consiste em saber como, se e de que modo utilizar as imagens de morte.

O tópico da morte levanta profundas questões morais sobre quem tem o direito e a capacidade de viver e morrer, e em que circunstâncias. Fascina e repugna simultaneamente, estimulando a imaginação de modos em que ainda não se reflectiu profundamente. Um desconforto mais generalizado no que diz respeito ao confronto com a morte é exacerbado pela sua representação visual, sendo que as fotografias, os filmes e os vídeos de morte aumentam a ambivalência sempre que são disponibilizados. Recentes exemplos revelam uma notável similitude no modo como abordam a dissonância que envolve a morte: as imagens explícitas dos cadáveres de quatro funcionários americanos de uma empresa de segurança em Falluja, no Iraque; a exibição dos caixões dos militares mortos no Iraque; as imagens dos mortos na prisão de Abu Ghraib; as imagens da decapitação do empresário

---

\* Professora responsável pela Cátedra Raymond Williams na Annenberg School for Communication da Universidade de Pensilvânia.